

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro Class.: 2126

Data: 10/05/86 Pg.: _____

DE VOLTA AS ORIGENS

Índios resgatam seu passado histórico

MARCOS TERENA
Especial para o CORREIO

A cidade do Rio de Janeiro comemorou seus 421 anos, que segundo a História, foi fundada no dia 1º de março de 1565, pelo português Estácio de Sá. As comemorações deste ano tiveram, no entanto, uma passagem despercebida pela maioria da sociedade carioca, com exceção dos marginalizados e mal vistos alunos da Febem. Exatamente ali, indígenas dos mais diversos pontos do País, desembarcaram com suas indumentárias próprias, carregando suas malas, bordunas e flexas, com a finalidade de realizarem o 1º Congresso sobre Cultura Indígena numa promoção do Ministério da Cultura. Carregadores, índios e os menores da Funabem, misturavam-se e entrosavam-se, como se já fossem conhecidos há muito tempo e desfrutavam do mesmo sentimento de festa, talvez sem saber exatamente o espírito daquela alegria.

Quando os indígenas resolveram realizar suas assembleias no próprio teatro daquela comunidade de menores abandonados, imediatamente, muitas dessas crianças correram com vassouras, rodas e baldes d'água, para limpar o auditório e possibilitar aos 320 representantes indígenas, na maioria das nações Catapó e Karajá, um encontro feliz com seu passado histórico e seu atual papel na sociedade nacional.

Os índios quiseram conhecer a famosa Praia de Copacabana, para que pudessem pisar o solo onde 486 anos atrás, não somente seus antepassados pisaram, como convíviam em paz. Ao mesmo tempo, queriam segundo suas palavras, contemplar o esplendor do mar, caminho utilizado pelos "conquistadores" europeus no outono de 1500.

A chegada desses indígenas foi proporcionada graças ao trabalho consciente do Ministério da Cultura, visando basicamente o reencontro do índio com seu passado histórico, seus valores culturais e tudo aquilo que sobrou como patrimônio.

Para que não chegassem despercebidos, pelo menos pela autoridade municipal, foi proporcionado uma visita ao prefeito Saturnino Braga, que em sua saudação e a entrega simbólica da chave da cidade às comunidades indígenas, discorreu sobre a preservação e a importância dos valores culturais, através do respeito e da demarca-

ção imediata de suas terras.

Os índios não responderam com discursos, mas sim com atos, pois tão logo Saturnino acabara de falar e de cumprimentar os Caciques Arutana Karajá, Tomaz Xavante e Pascoal Terena, todos idosos, com mais de 80 anos, os Kalapós começaram a cantar e a dançar festejando os primeiros momentos de estada na cidade do Rio de Janeiro, antigo aldeamento Uruçumirim (Flamengo, Glória) e Paranapuá (Ilha do Governador), que formavam a "poderosa" Confederação dos Tamolós, sob a liderança do "terrível canibal" Cunhambebe.

Exatamente no dia do aniversário da cidade, todos os 320 indígenas saíram cedo para a Zona Sul do Rio, visitando as prais do Leblon, Ipanema, Copacabana e Leme. No Leme, grande multidão de curiosos se acotovelava para ver os índios, e estes, descarregando suas bagagens artesanais nas calçadas da Avenida Atlântica, conversavam com turistas e com o próprio povo carioca, explicando suas artes e a busca de um entrosamento de respeito e de paz com a comunidade não-indígena.

Alguns desavisados insistiam em conversar com a mulher Kalapós, que simplesmente ignoravam o português, outras pessoas se manifestavam como espírito guiado pelo "guerreiro tupinambá", num desencontro tão natural, que demonstrava exatamente aquilo que algumas lideranças têm detectado, a desinformação, que gera o desentendimento e a discriminação. As crianças da Funabem, que voluntariamente ajudavam os indígenas, não somente se prontificaram em carregar e em cuidar do material, como propuseram um embate futebolístico entre sua seleção e a seleção indígena. Antes de iniciar-se a partida houve uma preleção olhos nos olhos, entre essas duas seleções, pois cada qual estava defronte para o outro, onde cada um dizia seu nome, seu lugar de origem e, depois, se abraçando iniciaram uma partida histórica, onde o selecionado indígena venceu por 7x2.

Ao seguirem, no dia seguinte, para a histórica cidade de Angra dos Reis, os indígenas já sabiam da existência da Ilha de Cunhambebe, sua história como líder da Confederação dos Tamolós e sua morte e a morte de seu povo, como que varridos do litoral carioca e paulista. Todos

segulam em silêncio, como um ritual naturalmente organizado, embarcando nos barcos cedidos pelos pescadores e transportadores daquela região. Era tarde, quando todos puderam chegar, se alimentar e, lentamente, como que num ritual sagrado, mulheres e crianças, todos Catapós, começaram a cantar, num gemido solene, uma homenagem a seu avô — Cunhambebe. Aumentando as vozes, erguendo braços, caminhando em direção a uma árvore que estava sendo plantada como símbolo dessa data, um pau-ferro, em círculo cantaram e choraram seus antepassados.

Na Ilha de Cunhambebe, a natureza, a água, a terra, junto com os indígenas, pescadores e autoridades locais, compartilhavam do mesmo sentimento de saudade e resgate da história dos índios. Alguns equipamentos de vídeo e fotografia quebravam o silêncio e o barulho do ritual. Eram índios como Palakan Katapó e Matsuará Kadivéu, que em estilo próprio, substituíam as câmeras de televisões brasileiras, jornais e emissoras de rádios. Ninguém mais. A história indígena, sendo resgatada, cantada e registrada pelos próprios índios.

Tuto Pombo Catapó, o famoso coronel Pombo de Tucumã, bradava aos seus demais irmãos: "Precisamos nos unir" — "Não podemos ter vergonha de ser índios" — "Vamos pedir a demarcação dessas terras". Megaron Txucarramãe, emocionado falava: "Os Catapós, meu povo, não têm medo de lutar para defender todos os índios do Brasil". "Vamos lutar até o último homem para conseguirmos a demarcação das terras indígenas em todo território nacional". Enquanto o sol começava a sumir no horizonte montanhoso de Bracul, dando lugar a uma leve chuva crianças, mulheres, homens, juntos com o mais velhos, se abraçavam, numa unidade de pensamento muito distante das manipulações costumeiramente utilizadas por autoridades de má fé no trato com índios e suas questões.

Ao passarem por Angra dos Reis, foram convidados pelas autoridades municipais reunidos no auditório do prédio da Secretaria de Cultura para serem homenageados. Em nome dos demais indígenas, três deles foram contemplados com a Medalha Cunhambebe — Cacique Kannon Kalapó, Cacique Tomaz Xavante e Marcos Terena. Mais um registro histórico na luta



Plantando um pau-ferro, para simbolizar o encontro

Pela primeira vez, vindos de vários pontos do País, os índios tiveram contato com seu passado histórico, ao participarem, no Rio de Janeiro, do I Congresso sobre Cultura Indígena. Marcos Terena, assessor para Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura, conta como foi o encontro.



Encontro com o prefeito Saturnino Braga



Resposta à saudação de Saturnino: com dança



Contato com o povo carioca

O primeiro contato com a Zona Sul

dos índios por um tratamento digno e sério da sociedade envolvente, pois tal fato jamais ocorreu em qualquer tempo por parte de qualquer autoridade constituída municipal, estadual ou federal.

O 1º Congresso sobre Cultura Indígena promovido pelo Ministério da Cultura, ocorreu no mais absoluto silêncio o que, de certo modo confirma uma visão muito difundida na sociedade nacional, de que os índios nada têm de interessante ou de im-

portante a dizer. Se para a sociedade envolvente, o Congresso indígena teve pouca ressonância o mesmo não se pode dizer para com os índios, pois pela primeira vez, representantes de várias regiões do país, vieram para conversarem entre si e percorrerem as regiões históricas, onde seus irmãos Tupinambás e Tamolós, enfrentaram pela primeira vez o invasor branco há quase 500 anos atrás.

Na Ilha de Cunhambebe, na região de Angra dos Reis, Yano-

mamis, Mamaindé, Waimiri-Atroaris, Nambiquaras, entre tantos, firmaram um pacto de esperança e unidade do mesmo modo que seus antepassados da Confederação dos Tamolós. Hoje, como ontem, os ideais indígenas continuam basicamente os mesmos do tempo de Cunhambebe: a defesa de seus bens materiais e culturais, isto é, a conservação de suas terras e de suas tradições.

A grande lição desse encontro indígena foi que os índios encon-

traram nas lições do passado uma advertência e um estímulo para a construção de seu futuro.

A partir desse ano, a Ilha de Cunhambebe e, de modo mais amplo, o litoral brasileiro, voltam a representar para os índios, a TERRA — SEM MALES, de seus antepassados. Um local onde pretendem voltar anualmente para cultivar seus heróis históricos, e para reafirmar a sua vontade e seu direito de continuar a viver como índios.